



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas

Escola de Educação

**EDUCAÇÃO INTEGRAL:  
UMA PROPOSTA PARA QUAL DEMOCRACIA?**

Douglas Eduardo da C. Diógenes

NOME DO ORIENTADOR: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho

Rio de Janeiro

2007/2º

DOUGLAS EDUARDO DA CONCEIÇÃO DIÓGENES

Educação Integral: uma proposta para qual democracia?

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Lígia Martha C. da Costa Coelho.

Rio de Janeiro

2007/2º

*Madre, Mãe, Mater  
Toda mulher é mãe.  
Já percebeu um nascedouro de um rio? Curioso, não? Num olhar de  
criança são borbulhas d'água que nascem, brotando, meio que  
magicamente, do seio da terra, incessantemente, sem parar e, não se  
sabe de onde vem.  
Assim é seu Amor. Incondicional.  
Se eu não nasci de dentro de você, eu nasci de onde?  
O que haverá de mais belo do que a potência de existir?  
Você me disse. Eu nasci do coração.  
Causa, origem, promessa.  
Toda mulher é mãe.  
Dedicado à  
Claudete da Conceição Diógenes,  
minha mãe do coração.*

## *AGRADECER É NECESSÁRIO ...*

Agradeço, primeiramente a Jesus Cristo, Senhor e Salvador de minha' lma que, com seu sacrifício na cruz do calvário me ensinou o amor ao próximo como premissa imprescindível ao caráter humano. Também, sua imensa sabedoria me ensinou a viver perfeitamente com todos meus sistemas de crenças.

Agradeço à minha mãe e meu pai. Meus primeiros educadores e, certamente, os mais importantes.

Minha mãe pelo amor incondicional e parceria. Por pegar pela primeira vez na minha mão para segurar um lápis e escrever. Te amo.

Meu pai, pelo exemplo de homem que devo seguir. Você faz parte desse caminho. Pelo sacrifício de uma ausência forçada para garantir as minhas oportunidades. Pelas noites de preocupação que não foram poucas pensando certamente em meu futuro. Pelas vezes que fostes me levar para escola como meio de ficar um pouco mais de tempo comigo. Pelas suas expectativas não reveladas. Por sua compreensão no caminho que eu escolhi. Pela segurança que eu sei que tens em mim. Trilharemos juntos as próximas jornadas/deixaremos revelar a emoção/ impediremos mais palavras guardadas/Te amo com minha alma e meu coração.

À Fabiana Marcellos “Quem poderá contra lutar?”. Seu companheirismo, cumplicidade e amizade foram fundamentais nestes últimos anos, tanto como refrigério de meu coração, como na minha formação profissional.

Aos “amigos de uma vida”. Nisto eu fui agraciado. Sei que neste período da monografia tiveram de conviver com minha ausência.

Aos companheiros do Movimento Estudantil que no decorrer desta minha carreira me ajudaram a entender a dimensão pedagógica de minha militância política. Agradeço e me despeço.

À Professora Doutora Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho. Minha orientadora em todas as dimensões. Minha professora e amiga. Lígia me introduziu no mundo das Ciências e, de lá até a monografia e, da monografia em diante, se destaca e se destacará sempre como uma personagem importante em minha formação. Grato por tudo.

*Os homens, até hoje, sempre tiveram falsas noções sobre si mesmos, sobre o que são ou deveriam ser (...) Libertemo-los, portanto, das ficções do cérebro, das idéias, dos dogmas, das entidades imaginárias, sob o domínio dos quais definham. Rebelemo-nos contra o domínio das idéias. Eduquemos a humanidade para substituir suas fantasias por pensamentos condizentes à essência do homem, diz alguém; para comportar-se criticamente diante delas, diz outro; para expulsá-las do cérebro, diz um terceiro – e a realidade existente desmoronará.*

*Karl Marx e Friederich Engels*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – PENSAMENTO MARXISTA E O CONCEITO DE DEMOCRACIA.....	09
1.1 Democracia e sistemas capitalistas: Contribuições históricas da Educação.....	10
1.2 – Democracia moderna: idas e vindas.....	15
1.3 – Democracia(s), Ditadura(s): Do legado burguês à sua superação.....	18
CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO INTEGRAL: NOS CAMINHOS DO PENSAMENTO DIALÉTICO E SOCIALISTA.....	23
CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO INTEGRAL E DEMOCRACIA: QUAL PRÁTICA? PARA QUAL DEMOCRACIA?.....	32
3.1 CONTRIBUIÇÃO 1 .....	33
3.2 CONTRIBUIÇÃO 2 .....	36
3.3 CONTRIBUIÇÃO 3.....	38
3.4 Dimensões da Concepção Dialética da Educação Integral.....	40
CONSIDERAÇÕES.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

## RESUMO

Desde que comecei minha militância no movimento estudantil, sempre estive interessado em estudar as concepções e práticas voltadas para as classes populares implementadas na educação, como um todo, e também na experiência brasileira. Como aluno da graduação, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO – verifiquei que no NEEPHI - Núcleo de Estudos de Escola Pública de Horário Integral – estudava-se sobre o **tema** Educação Integral e Tempo Integral. Optei por realizar uma investigação dentro dessa temática, para construir meu trabalho final de conclusão de curso. Nesse sentido, este estudo monográfico tem, como **objeto**, as concepções de Educação Integral, partindo do **pressuposto** de que essas concepções se inserem no rol das discussões que envolvem a relação educação e sociedade. Partindo da premissa de que as forças detentoras do grande capital oprimem e exploram os povos pobres por meio da manutenção da ordem social vigente, um dos grandes responsáveis por essa situação, acredito, é o Estado *democrático* burguês. Sendo assim, caminhando mais aprofundadamente sobre aquele objeto trouxe, como **problema**, o estudo de uma concepção de Educação Integral que estivesse voltada para a emancipação das classes populares, com o intuito de refletir sobre essa possibilidade na construção de uma sociedade democrática, de novo tipo – uma **Nova Democracia**. Optei por empreender, **metodologicamente**, uma pesquisa firmada na *Dialética Marxista*, visando obter dados e trabalhar com fontes de caráter teórico e de levantamento bibliográfico que tenham, como suporte, a leitura de referencial teórico específico do marxismo, coletado em fontes primárias e secundárias. Como **resultados** preliminares, além da análise crítica do contexto sócio-histórico e político-educacional, apresento e discuto trabalhos de teóricos no campo educacional, tais como Demerval Saviani, Moacir Gadotti e Aníbal Ponce. Empreendo, também, a partir de algumas das obras de Karl Marx e Frederich Engels, uma análise acerca da estrutura social regida pelo capital para observar, com mais clareza, os embates de classes na área educacional. Esta pesquisa tem trazido novas indagações e reflexões sobre a concepção dialética da educação e pode contribuir na construção de maiores conhecimentos acerca da concepção de Educação Integral em Tempo Integral no Brasil.

Palavras – Chave: Educação Integral, Socialismo, Materialismo Histórico Dialético, Omnilateralidade.

## INTRODUÇÃO

*“O séc'lo é grande... No espaço  
Há um drama de treva e luz..”*

*(Castro Alves)*

Que drama é esse? O que o jovem poeta abolicionista Castro Alves cantou em seu poema “*O Século*”? A liberdade declamada fervorosamente nos poemas desse jovem baiano defendia o legítimo direito de rebelião do povo, na luta pela sua genuína conquista. Quando Castro Alves escreveu estes versos, a humanidade vivia uma fase reacionária, liderada pelas classes dominantes. O duelo entre a luz e a escuridão das trevas, nesse sentido, pode ser entendido como a batalha entre a consciência e a alienação, em um embate dramático que, segundo Marx, é o motor da História.

Opressão, martírio, exploração são características do processo de (re) produção impostas pelo regime do grande capital, características estas asseguradas pelos/por regimes de governo que, ao longo da história, priorizam uma pequena parcela da população detentora dos instrumentos de produção, em detrimento da grande maioria, força de trabalho. Porém, esta dominação da maioria não se dá de forma tranqüila e garantida. É por meio de muito trabalho de convencimento que ela é conquistada.

As pessoas precisam ser convencidas da *desejabilidade* dos arranjos sociais existentes. É precisamente através desse esforço de convencimento que a dominação econômica se transforma, muitas das vezes, em hegemonia cultural. Onde a cultura hegemônica se sobrepõe a cultura, historicamente construída, da grande maioria. Acredito que uma prática que trabalha para esta manutenção e perpetuação da estrutura social vigente é a educação.

Em nosso mundo, tido por muitos como pós-moderno, o *princípio da eficácia* está em produzir efeitos e resultados permanentes. Com isso, novas atribuições passaram a ser exigidas em vários setores e, em relação à educação, sua função social amplia-se. Dentro desta perspectiva, e porque esses debates me mobilizam, como estudante do Curso de Pedagogia, elegi como **tema** de meu estudo monográfico a relação *educação e sociedade*.



Levando em consideração as funções ampliadas da escola, já citadas enquanto um requisito importante hoje, quando se fala em educação e políticas públicas, e ainda meus estudos anteriores, como bolsista de Iniciação Científica defini, como **objeto de estudo**, as concepções de Educação Integral, partindo do pressuposto de que essas concepções se inserem no rol das discussões que envolvem a relação educação / sociedade.

Caminhando nesse sentido, trouxe como **problema**, o estudo de uma concepção de Educação Integral mais voltada para a emancipação das classes populares, ou melhor, do povo<sup>1</sup>, com o intuito de refletir sobre essa possibilidade na construção de uma sociedade democrática, de novo tipo – uma Nova Democracia.

Cada vez mais, as forças detentoras do grande capital financeiro oprimem e exploram, por meio da manutenção da ordem social vigente e um dos grandes responsáveis por essa situação, acredito, é o Estado *democrático* burguês. Diante disto, é inerente a necessidade de rever o conceito de Democracia, assim como refletir sobre a aspiração por uma Nova Democracia, como a denominei anteriormente.

A partir dessas constatações, surgem algumas questões: De um modo geral, o que é uma Educação Integral de cunho socialista? Qual sociedade queremos construir com esta educação? Que contribuição para a construção de uma nova democracia, que sirva ao povo, a Educação Integral pode oferecer? Mais especificamente, indago como uma pedagogia dialética pensa a relação sociedade/educação em uma sociedade de classes? Ou seja, como uma pedagogia de cunho marxista pensa na transformação dessa sociedade?

Esses e outros questionamentos que, certamente, aparecerão neste trabalho, me ajudarão a elucidar os conceitos aqui estudados dentro de embates políticos, filosóficos e epistemológicos que estão no centro da discussão da formação da então estrutura social burguesa solidificada.

---

<sup>1</sup> De acordo com Marilena Chauí, por que falar em cultura do povo e lugar de cultura popular: “ É plausível supor que a escolha da primeira expressão em vez da segunda tenha o mérito de procurar um caminho que nos resguarde da ambigüidade presente no termo “popular”. Considerar a cultura como sendo do povo permitiria analisar mais claramente que ela não está simplesmente no povo, mas que é produzida por ele, enquanto a noção de que “popular” é simplesmente ambígua para levar à suposição de que representações, normais e práticas por que são encontradas nas classes dominantes são, *ipso facto*, do povo. Em suma, não é por que algo está no povo que é do povo. (Chauí, 1993, p.43)

Os **objetivos** da pesquisa proposta vão ao encontro da necessidade de aprofundar conceitos tais como democracia e Educação Integral, assim como discutir o conceito de democracia(s) e sua viabilidade por meio das contribuições da Educação Integral, de cunho socialista. Além disso, evidenciar os pressupostos políticos, epistemológicos e filosóficos de uma concepção de Educação Integral capaz de proporcionar uma educação transformadora poderia me ajudar a compreender essa dinâmica entre a educação e a sociedade, para enfim refletir sobre a importância das classes populares na construção de uma Democracia de novo tipo.

De acordo com a concepção materialista da história, **campo metodológico** que pretendo seguir neste estudo, ao longo da historiografia humana, a relação do sujeito com seu objeto do conhecimento se dá de forma dialética, direta ou indiretamente. O ser humano, desde os primórdios, influenciava e era influenciado pelo seu objeto de conhecimento, na produção social de sua vida material. Essa relação de produção formava um conjunto de atividades sócio-econômicas que, por sua vez, formavam o que corresponde à base real de toda a sociedade - a estrutura econômica.

Com o passar dos tempos, a prática social do homem toma características mais complexas. Há um maior domínio do homem sobre a natureza, acarretando um aumento da produção dos materiais necessários à sobrevivência humana. Conseqüentemente, houve o aparecimento de excedentes dessa produção.

Esta aí anunciada a diferenciação entre os homens. Entre aqueles que têm um grande excedente e aqueles que não têm excedente algum. Inicia-se, com isso, a divisão na produção - entre dirigentes e executores e surge a propriedade privada, a divisão do trabalho. Com elas, ocorreu um salto no *desenvolvimento* da História.

Desta base material da sociedade, de acordo com preceitos marxistas fundamentados pelas relações de produção, se ergue toda a superestrutura da *sociedade*, sua consciência política, sua consciência social, sua consciência espiritual e sua consciência jurídica. Em suma, o que está no cerne deste pensamento é que a estrutura organizacional da sociedade se constitui de acordo com a sua organização econômica.

Sendo assim, a dinâmica de uma *sociedade* regida pelo capital gira em torno da dominação de classe, da dominação dos que detém o controle da *propriedade* dos recursos materiais sobre aqueles que possuem apenas sua força de trabalho para vendê-la. A permanência desta sociedade depende da reprodução da composição de sua

dinâmica (força de trabalho e meios de produção). Só que, como foi dito anteriormente, esta reprodução não é um processo tranquilo e garantido.

Partindo deste pressuposto, a proteção da *propriedade privada* pelo Estado não acontece somente no sentido físico do verbo proteger, mas também, na construção de *aparelhos* capazes de formar uma barreira a ponto de impedir qualquer mudança dentro desta estrutura social. A produção e a disseminação da ideologia são feitas pelos aparelhos ideológicos do Estado. Um autor que nos ajudar a elucidar esta questão é o pensador francês Louis Althusser. Ele afirma que, para a manutenção e a reprodução do *status quo* do capital, o Estado lança mão de dois distintos mecanismos: Aparelho Repressor do Estado (ARE) e Aparelho Ideológico do Estado (AIE).

O primeiro consiste em forças repressoras tais como polícia, tribunais, prisões, a própria administração pública, etc... (ALTHUSSER, 1985, p.67). Já sobre o segundo mecanismo, o Aparelho Ideológico do Estado, Althusser definiu: “Designamos pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado um certo número de realidades que apresenta-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. (ALTHUSSER, 1985, 68).

Althusser enumera, em seguida, uma série de agências sociais responsáveis pela reprodução e produção da ordem vigente, dentre elas o Aparelho Ideológico do Estado Escolar (o sistema das diferentes “escolas”, públicas e privadas) (p.68). A escola constitui-se num aparelho ideológico central, por que atinge toda a sociedade por um período prolongado de tempo. Althusser diz que:

Certamente muitas destas Virtudes (modéstia, resignação, submissão de uma parte, cinismo, desprezo, segurança, altivez, grandeza, o falar bem, habilidade) se aprendem também nas famílias, na igreja, no Exército, nos belos livros, nos filmes e, mesmo nos estádios. Porém nenhum aparelho ideológico do estado dispõe durante tantos anos da audiência obrigatória (e por menos que isso signifique, gratuita ...), 5 a 6 dias num total de 7, numa média de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista. (ALTHUSSER, 1985, 80).

Acredito que uma das formas com que a escola transmite sua ideologia é através de seu currículo. A escola contribui, assim, para a reprodução da sociedade capitalista ao transmitir, por meio de *matérias* escolares, as crenças que nos fazem ver os arranjos sociais existentes como bons e desejáveis. Logo, de acordo com esse modo de pensar,

existe uma relação estreita entre escola e economia, educação e produção. A educação dirigida pelas classes dominantes, neste sentido, serve como instrumento de produção e reprodução da estrutura do capital.

A partir destas premissas, este **estudo justifica-se** pela necessidade de estudar os pressupostos epistemológicos e político-filosóficos do pensamento educacional de cunho marxista, a fim de aprofundar uma concepção de educação crítica capaz de proporcionar aos homens do povo subsídios, “armas” para sua sublevação contra toda a ordem social até então instituída e, romper com antigos e arcaicos conceitos que engessam o processo de desenvolvimento do homem. Precisamos, assim, de uma educação corajosa. Uma educação que possa enfrentar e discutir *com e para com* o homem comum, o homem do povo o seu direito e o seu dever à participação do coletivo. Como disse o mestre Paulo Freire:

De um modo geral, os analistas de da nossa formação histórico cultural, têm insistido direta e indiretamente na nossa ‘inexperiência democrática’. Na ausência do tipo de formação que tivemos daquelas condições necessárias à criação de um comportamento participante, que nos tivesse levado à leitura de nossa sociedade com nossas ‘próprias mãos’ o que caracteriza a essência da própria democracia. (FREIRE, 1971, p. 92).

Com tudo isso, a relevância deste trabalho aponta justamente para a pesquisa de uma concepção de educação integral como proposta para esta educação corajosa, capaz de munir este homem comum, este homem do povo de criticidade reflexiva para discutir e inferir sobre problemas sociais, políticos e econômicos de forma autônoma, séria e complexa, dentro da coletividade. Como também disse o professor Freire, “se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será” (FREIRE, 1971, p.106.) E, ao refletir sobre o que precisamos em uma educação corajosa, nosso mestre vai além, e disse que precisamos:

De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. (...) Da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação do ‘eu me maravilho’ e não apenas do ‘eu fabrico’. (FREIRE, 1971, p. 93).

Claro que, a partir do ponto de vista marxista, não devemos encarar a educação de forma ingênua. Como nos advertiu Paulo Freire, que mesmo não se declarando marxista professava, em suas concepções e práticas, os fundamentos da práxis,

Estamos advertidos do fato de não dever ser encarada a educação ingenuamente, como algo milagroso, que por si fizesse as alterações necessárias à passagem da sociedade brasileira de uma para outra forma. Porém, o que não se pode negar à educação, é a sua força instrumental, que inexistirá se superposta às condições do contexto que se aplica. (FREIRE, 1971, P 88).

Abordando questões como o direito à educação e a sua importância na formação de uma Nova Democracia, superando a maquiada *democracia* burguesa então, procuro analisar o papel do Estado e de sua articulação no campo educacional. Para isso, trarei para esta discussão autores que me ajudem a fundamentar as duas grandes categorias de que este estudo tratará: Democracia e Educação Integral.

Para a elaboração de tal estudo, de cunho bibliográfico e teórico, lançarei mão do método de análise desenvolvido por Marx. Essa metodologia, firmada na *Dialética Marxista*, afirma que o conhecimento forma ou abrange um todo, ou seja, o conhecimento é totalizante. Dentro desta perspectiva, toda atividade humana, em geral, depende de um conjunto integral de intenções e realizações que, ao longo do processo de totalização, se encontra em constante estágio de inacabamento. Qualquer objeto (simbólico ou não) no qual o homem possa intuir ou modificar faz parte de um conjunto.

Ao começarmos uma investigação, a informação que teríamos do objeto estudado, a primeira vista, seria a de uma *representação caótica do todo* (Marx, 1987, p.16), isto é, um aglomerado de conhecimento a cerca do que é estudado, porém sem nenhum aprofundamento e sistematização deste conhecimento. Porém, quando se olha para este objeto levando em conta uma *determinação mais precisa*, por meio de *análise*, este conhecimento nos mostrará *conceitos* cada vez mais simples. O caminho trilhado, então, seria de um *concreto idealizado* indo para *abstrações* mais tênues até chegar a noções mais simples.

No fim deste caminho, ou seja, ao sair de uma representação geral com informações desencontradas para ir, por meio de análises, a um conceito mais simples do conteúdo, é de suma importância fazer o caminho de volta. Deste conceito mais simples, iríamos retornar o olhar pesquisador, agora, para o objeto como um todo. Só que desta vez o todo não é mais caótico, confuso, desencontrado, o todo, agora, é uma *rica totalidade de determinações e relações diversas* (Marx, 16, 1987). Um exemplo utilizado por Marx para ilustrar seu método foi o conceito de população, vejamos:

Se começássemos pela população teríamos uma representação caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações mais simples. Chegados a esse ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas (.MARX, 16,1987)

Na percepção marxista, a consciência e as idéias são reflexos do mundo real, concreto. Nesse sentido, lançarei mão desse método como instrumento de análise, como maneira de abordar a *realidade*, de estudar os fenômenos da natureza e da sociedade, empreendo, metodologicamente, uma pesquisa bibliográfica e correlacional. Assim, este trabalho preocupou-se em analisar a estrutura das formações sócio-econômicas no âmbito educacional como instrumento transformador da realidade, assim como sua relação com o Estado.

Esta forma de investigar leva em conta o processo permanente de mudanças, de perene transformação de todas as coisas, do eterno vir-a-ser. Para o método Materialista Dialético, a base do desenvolvimento do mundo é objetiva e real, a natureza é material, concreta, enquanto a consciência e as idéias são reflexos do mundo. "Não é a consciência que determina o ser, mas o ser que determina a consciência" (Marx, *Contribuição à Crítica da Economia Política*, s/p.) Marx vai além e diz:

O concreto é concreto por que é a síntese de muitas abstrações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação (...) as determinações abstratas

conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. (Marx 17, 1987)

A **relevância** da escolha desta metodologia de pesquisa se deve o fato de não se deixar levar por semelhanças superficiais, aparentes. A intenção é chegar às premissas metodológicas essenciais. Quando olhamos para a História, vemos que muitas oportunidades de lutas, resistências, ofensivas daqueles que são explorados pelo grande capital acabam sendo minadas por segmentos políticos que se aproveitam dessas semelhanças conceituais para desestabilizar a organização de frentes comprometidas com as necessidades do povo.

Sendo este um estudo teórico, fundamentando em pesquisa bibliográfica, como já afirmei anteriormente, a metodologia aparecerá nas categorias que serão abarcadas durante o estudo – totalidade, contradição, análise contextual. Usarei o método de leitura da realidade concreta de Marx para, como foi dito acima, aprofundar conceitos, termos e expressões que necessitam de uma apuração de suas premissas conceituais essenciais, para evitar os embates teóricos promovidos pelas ambigüidades dessas proposições.

Levando em consideração os elementos que expusemos até o momento, este estudo compreenderá três grandes capítulos. No primeiro capítulo, procurarei aprofundar o conceito de democracia. Que democracia é essa que vivenciamos? Que Democracia de novo tipo ou que Nova Democracia seria essa? Essas questões norteiam a discussão que farei, tendo como ponto central o pensamento marxista.

No segundo capítulo, que é a pesquisa de uma concepção de Educação Integral capaz de contribuir para a construção dessa Democracia de novo tipo, categorias como pedagogia dialética, omnilateralidade, educação politécnica, entre outras, próprias do pensamento socialista/marxista, permearão minhas reflexões acerca do tema. Em seguida, no terceiro capítulo, aprofundarei essas relações, por meio de uma pequena reflexão acerca da Educação Integral como pensamento educacional, associando a uma educação de qualidade capaz de inferir na construção de uma Nova Democracia que verdadeiramente sirva ao povo.

Nesse sentido, encaminhando o estudo para o seu primeiro capítulo, indago: O que é Democracia?

## **CAPÍTULO 1 - PENSAMENTO MARXISTA E CONCEITO DE DEMOCRACIA**

Ao longo de toda sua história o homem, enquanto ser social, viu-se em necessidade de se organizar e viver coletivamente. A forma dessa organização deu-se devido ao desenvolvimento histórico da sociedade. A partir desse desenvolvimento histórico, a forma do homem se organizar também sofreu variadas mudanças e, uma dessas facetas foi a experiência democrática de estruturação social.

Empreendo, então, neste capítulo de meu estudo monográfico, uma reflexão sobre o desenvolvimento destas estruturas, ditas democráticas, como categoria de análise e fenômeno social, ao longo do desenvolvimento da própria sociedade capitalista. Esse exercício torna-se necessário devido ao enfoque deste trabalho acerca da contribuição que uma Educação Integral pode oferecer na construção de uma sociedade democrática, de novo tipo – uma Nova Democracia.

Para a Democracia ultrapassar a idéia que o senso comum criou em uma sociedade regida pelo capital, é de suma importância observar com um pouco mais de atenção o modo como a sociedade democrática burguesa se organiza e faz produzir e reproduzir sua estrutura. Um dos estudiosos da dinâmica da sociedade capitalista foi o pensador alemão Karl Marx, e o autor inglês Friederich Engels, que trabalharam em cima do socialismo científico, e que dão o tônus deste trabalho.

A partir da afirmativa feita no Manifesto Comunista, redigido por esses dois autores, “a história de todas as sociedades que já existiram é a história da luta de classes” (MARX e ENGELS, 2000, p. 9). Nesse sentido, tentaremos desenvolver a temática da Democracia a partir dessa premissa.

Com as descobertas de novas terras e, conseqüentemente a expansão dos mercados, houve uma evolução no modo de produção que proporcionou, também, uma evolução das classes produtivas. Do sistema feudal, passou-se para o sistema de manufatura em grandes oficinas. Depois, a manufatura já não suportava a demanda e, com o advento da Revolução Industrial, o lugar da manufatura foi ocupado pela gigantesca indústria moderna. Já com a terceira revolução industrial técnico-científica e informacional, houve a necessidade do capital realizar uma reengenharia em seu modo de produção em escala global.



## 1.1 Democracia e sistemas capitalistas: Contribuições históricas da Educação

O capitalismo comercial ou mercantilismo caracterizou-se, sobretudo, em responder os anseios econômicos do Estado absolutista<sup>2</sup>. Isto resultava na intervenção direta da monarquia absolutista nos assuntos econômicos, com o objetivo claro de fortalecer (solidificar ou ainda dinamizar) a economia Nacional (do Estado), em proveito do fortalecimento real.

Marx chamou de acumulação primitiva do capital séc XV – XII nesta fase do capitalismo que caracterizou-se pela ampliação de mercados. Era na circulação de mercadorias onde residia a principal fonte de acumulação de capitais, o que teve um salto quantitativo por meio da exploração e colonização das terras recém descobertas pelos europeus.

Se, por um lado, o capitalismo comercial assegurava a existência do Estado absolutista, por outro lado permitia um acelerado desenvolvimento econômico da burguesia. A própria dinâmica do Antigo Regime tendo como pilares o absolutismo, o mercantilismo e a ascensão da burguesia, seria responsável pela sua superação.

A sociedade européia, até então, não formava plenamente uma sociedade capitalista e burguesa. Continuava sendo ainda uma sociedade estamental, com a elite nobre defendendo privilégios, enquanto a burguesia enriquecida pelo desenvolvimento comercial permanecia sem destaque social, sendo afastada dos ditames da vida política e cultural. Ainda assim, sobreviviam resquícios da antiga ordem feudal como a servidão e os diversos tributos que limitavam o mercado consumidor e emperravam o completo desenvolvimento capitalista.

Desta maneira, o embate entre classes, entre a arcaica nobreza feudal e a ascendente burguesia, deixavam clara a total ausência de liberdade e democracia. Cargas tributárias pesadas e políticas intervencionistas eram impostas pelo Estado, assim, como todo o *status quo* estruturado até então pela classe dominante.

---

<sup>2</sup> O Absolutismo era a forma de organização política na qual o monarca concentrava fortemente o poder em suas mãos, confundindo-se, assim, com o próprio Estado. Para a (re)produção de seu poder, a Realeza estabelecia as regras das políticas econômicas, proclamava leis que serviam aos seus interesses, controlava a Igreja.

Um dos instrumentos utilizados para a manutenção e reprodução deste status quo lançado mão pela nobreza absolutista foi, sem sombra de dúvidas, a educação. A educação do homem burguês, até o meados do século XVIII, como diz o estudo do autor argentino Aníbal Ponce, *Educação e lutas de classes*, foi comandada pela Igreja que, também era controlada pelo monarca e contribuiu de modo a evitar, não só a propagação da ideologia “pagã” (o humanismo afluía na época) mas também serviu para deixar gerações e gerações da pequena e média burguesia e o campesinato na mais total obscuridade. A Companhia de Jesus foi o braço da Igreja Católica Apostólica Romana para desempenhar este papel. Nas palavras de Anibal Ponce (1989):

A educação Jesuíta só usava os recursos pedagógicos como instrumento de domínio especializados sobretudo no ensino médio, os jesuítas conseguiram de tal forma realizar os seus propósitos que, desde os fins do século XVIII ninguém se atreveu a disputar à Companhia de Jesus a hegemonia pedagógica que a Igreja havia reconquistado. Essa época corresponde aos tempos áureos da monarquia absolutista, e podemos compreender por que durante o longo tempo em que a pequena e média burguesia tiveram de conter as suas impaciências, esteve em mãos de jesuítas a educação dos nobres e da alta burguesia. De fato, afirmamos mais uma vez, os jesuítas nunca se importaram da educação da pequena burguesia ou com a das chamadas camadas “populares”. (PONCE 1989, p22)

Entretanto, com o desenvolvimento do capitalismo comercial advindo das novas rotas comerciais e da descoberta de novas terras, houve a necessidade de produzir mais para escoar a produção para esses novos mercados, e conseqüentemente lucrar mais. Com isso, a burguesia empreendeu um salto quantitativo e qualitativo no desenvolvimento das técnicas de produção, assumindo assim um maior domínio sobre a natureza. Este domínio influenciou ideologias, principalmente as ideologias baseadas nos interesses desta burguesia em ascensão.

Mesmo sobre o forte jugo da ideologia absolutista posta em prática pelos jesuítas, a burguesia, tardando em introduzir esses novos conhecimentos científicos em ascensão em suas escolas, entendiam que havia uma necessidade da implementação de novos métodos pedagógicos na educação para acelerar, cada vez mais, o progresso científico dos modos de produção que ela detinha em suas mãos. Esta nova necessidade educacional “minava cada vez mais os dogmas veneráveis” (PONCE 1989, p.129) do Estado absolutista, como afirmava Ponce. E, com isso, os gritos por liberdade e

democracia já era ouvidos ao longe, ecoando nos corredores palacianos, como nos afirmou o autor argentino:

Depois de tanto século de sujeição feudal, a burguesia afirmava os direitos do indivíduos como premissa necessária para a satisfação de seus interesses. Liberdade absoluta para contratar, comerciar, crer,, viajar, pensar. Nunca, como então se falou tanto em humanidade, cultura, razão e luzes. E é justo reconhecemos que a burguesia comandou o assalto ao mundo feudal e a monarquia absolutista com tal denodo e com tanto brilho e com um entusiasmo tão contagioso que, por um momento a burguesia assumiu diante da nobreza o papel de defensor de direitos gerais da sociedade. (PONCE 1989, p.130)

Sem dúvidas, a burguesia era a vanguarda revolucionária dos oprimidos naquela ocasião histórica. E usufruiu da educação como arma de emancipação e luta democrática, como nunca tinha acontecido antes, em proporções tão significantes. Se por um lado o absolutismo utilizava da educação para a manutenção de sua estrutura de poder, pelo outro, ela preparava as condições necessárias para sua total sublevação ao formar a nova mentalidade do homem burguês.

Diante do crescente aumento quantitativo da produção, houve uma transformação da burguesia, e com isso uma transformação no próprio capitalismo. O advento da maquinofatura em detrimento da manufatura ocasionou um aumento considerável na capacidade de transformação da natureza como nunca foi visto antes, ocasionando uma revolução nos modos de produção. Esta revolução, que convencionou-se chamar de Revolução Industrial, inaugurou uma nova faceta do capital, o capitalismo Industrial.

O uso de máquinas em grande escala foi implementado na Inglaterra a partir de 1760, aproximadamente. Estas máquinas, movidas a carvão, tornaram acessível aos “consumidores” uma quantidade cada vez maior de produtos, o que multiplicava o lucro dos produtores.

Se no mercantilismo comercial, leis de intervenção estatal tornavam o modo de produção mais eficaz, agradando a burguesia comercial, agora, com a ascensão da burguesia industrial, torna-se importante ao desenvolvimento do capital a sua “auto-gerência” isto é, segundo a lógica do mercado. Esta conquista burguesa por liberdade de mercado tem na democracia burguesa sua principal facilitadora.

Todavia, esta aparente liberdade dos homens não se expandiu a toda a população. Assim que a burguesia assumiu os ditames e a organização do Estado, de imediato verificamos que a “humanidade” e a “razão”, pilares de sua argumentação aos povos, nada mais eram que a “humanidade” e a razão “burguesa”. Da mesma maneira, a tão sonhada democracia se revelou, nada mais que uma concessão de direitos para a minoria rica, em detrimento da escassa oportunidade da maioria pobre<sup>3</sup>.

No item intitulado “A educação do homem burguês – da Revolução Francesa ao Século XIX” da obra já referenciada, Ponce, então, nos resume a verdadeira intenção, no campo educacional, daquela burguesia que tinha acabado de chegar ao poder. “Com a substituição do Regime feudal pelo burguês, piorou a situação das massas, mas, os novos amos não se importavam absolutamente com isso. Formar indivíduos aptos para a competição do mercado, esse era o ideal burguês triunfador” (PONCE 1989. p135).

Entretanto, para a solidificação desta forma de organização da sociedade, a educação não poderia só contribuir desta forma (a de formar competidores). Esta nova educação tinha de contribuir para a consolidação do poder burguês, de acordo com o próprio desenvolvimento da sociedade burguesa.

A burguesia não poderia recusar instrução ao povo, na mesma medida em que o fizeram a Antiguidade e o Feudalismo. As máquinas complicadas que a indústria criava, não podiam ser eficazmente dirigidas pelo saber miserável de um servo ou de um escravo” ( PONCE 1989, p.145)

Como então formar um povo com capacidade de manejar máquinas com tecnologias até então sofisticadas, sem que lhes atribuíssem conhecimento necessário não só para seu reconhecimento de classe explorada mas, também, para a perpetuação de sua situação de “mansidão”? Ponce indicou meios para responder essa indagação, vejamos:

O capitalismo incorporava em seus planos de trabalho científicos a livre investigação, da mesma forma que o feudalismo implicava a religião e o dogmatismo. Favorecer o trabalho científico mediante as escolas técnicas e laboratório de altos estudos, foi, desde essa época,

---

<sup>3</sup> O exemplo primordial que vale a pena ressaltar aqui foi a da Revolução Francesa. Após a tomada do poder pela burguesia a Assembléia Nacional aprovava o fim dos privilégios feudais e, em seguida a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, estabelecendo a igualdade de todos os Franceses perante a lei, o direito à liberdade e a defesa da propriedade.

uma questão vital para o capitalismo. As escolas tradicionais não estavam em condições de satisfazer esta exigência, nem mesmo as criadas sob a influência direta da Revolução Francesa. Longe das influências oficiais, junto as próprias fábricas e como fruto direto da iniciativa privada, começaram a surgir as escolas politécnicas. A burguesia do século XIX preparava nelas os seus peritos industriais, da mesma forma que a do século XVI preparava nas suas escolas comerciais os seus peritos mercantis. Uma educação primária para as massas, uma educação superior para os técnicos, eis o que, em essência, a burguesia exigia no campo da educação (PONCE 1989, p.146)

Este pensamento educacional perdurou até aproximadamente 1880, onde um salto significativo dentro do próprio capitalismo ocorreu, ocasionando uma revolução, novamente, nas formas de produção, tendo consequência imediata na vida sócio – econômico e político- educacional da sociedade européia. Esta nova revolução convencionou-se chamar de Segunda Revolução Industrial e caracterizou-se, sobretudo, pela descoberta de outras matrizes energéticas, assim como o aumento na industrialização com a introdução de novas tecnologias aumentou o envolvimento dos mais diversos setores da economia.

A educação, nesta ocasião, caracterizou-se pela contribuição dada à Democracia burguesa no momento em que consolidou em seus sistemas educacionais a escola dual. A necessidade desta nova forma de produção era a de formar um operariado especializado e conformado com sua condição social<sup>4</sup>. Para tal empreendimento, a escola burguesa e o próprio capital se apropriaram da efervescente ciência que, posta a serviço do capital, necessitou de um esforço por parte das empresas e do Estado para a pesquisa científica, com o objetivo de desenvolver novas técnicas de produção.

Com esse surto desenvolvimentista, o capital, em busca de novos mercados consumidores; novas fontes de matérias primas e novas áreas para investimentos lucrativos promoveram a brutal expansão imperialista na Ásia e África. Estas buscas por novos mercados geraram conflitos de proporções nunca vistos antes. A primeira e a segunda Guerra Mundial foram frutos desta busca desenfreada pelos países centrais por área de influência econômica.

---

<sup>4</sup> Mais até que o operariado da fase anterior, uma vez que este ainda detinha o conhecimento do processo produtivo. Este operário, desta fase, foi impedido de ver a produção em sua forma integral, desligando-se cada vez mais do processo produtivo, levando a total alienação.

## 1.2 – Democracia moderna: idas e vindas.

Com desenvolvimento destes conflitos expansionistas, que vão desde invasões aos países Africanos pelas potências Imperialistas até o embate entre o bloco soviético e o bloco capitalista com a famigerada Guerra Fria, um fenômeno se instaurou em alguns pontos do mundo: A necessidade estratégica das segurança das liberdades individuais. Era necessário, naquele momento, a burguesia assegurar sua plataforma argumentativa de desenvolvimento para não perder a Guerra para o paradigma socialista. Mas, contudo, era necessário também, assegurar as prioridades do próprio capital que é a manutenção social da ordem de produção vigente.

O fenômeno de acumulação é um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas de determinada classe desfrutam. Estas liberdades, de cunho político, sócio-econômico podem ser aumentadas por uma política pública (independente de ser implementada pelo Estado) e ao mesmo tempo, esta mesma política pública é influenciada pela capacidade participativa do povo. O desenvolvimento tem de estar relacionado, sobretudo, com a melhoria de vida que levamos e as liberdades que desfrutamos. Estas melhorias e liberdades têm como objetivo, no mínimo, assegurar os direitos básicos do homem. Entretanto, não é o que acontece na experiência capitalista. A questão do desenvolvimento, aqui, se interliga tão somente com o desenvolvimento das forças produtiva do capital. A educação assegurada pelo Estado burguês, com isso, segue a mesma linha: a de criar subsídios para a (re) produção desta dinâmica contribuindo assim, cada vez mais, para a solidificação do sistema democrático burguês.

Estas liberdades, nos países centrais, foram asseguradas pelo Estado burguês, até certo período. Até onde se convencionou chamar de Estado do bem estar social. Até se agravar a crise do sistema capitalista do século XX. A Crise estrutural do modo de produção capitalista tem sua origem na constante redução das taxas de lucro agravado com o quadro político-econômico entre a década de 70 (crise do petróleo em 1973 e depois em 1979) e o início da década de 80. Órgãos como o FMI (Fundo Monetário Internacional e o BM (Banco Mundial) - ambos criados em 1944, com o intuito de reestruturar países que foram devastados com a segunda grande guerra e apoiar outros países em processo de desenvolvimento - ao disponibilizar ajuda financeira para atenuar esta crise gerada pela alta do petróleo em troca exigiu, dos países, um pacote de reajuste

estrutural que, segundo Sevckenko, continha “cerca de 115 condições sine qua non” (SEVCENKO, 1998 p 53).

Esse entrelaçamento pesado com esses órgãos financeiros internacionais gerando uma dívida imensurável e os planos de ajuste estrutural imposto pelo FMI e pelo BM contruíram um quadro de um conjunto de medidas, impondo aos países devedores o pagamento dos juros da dívida e a reorientação de sua política econômica. Áreas estratégicas e de importância social incomensurável como educação, saúde, habitação, tiveram de se enquadrar aos novos tempos de política de orientação neoliberal.

A busca por novas saídas para superar a crise estrutural do capitalismo, no entanto, encontra-se na reorientação das novas tecnologias. O arrocho fiscal nos países periféricos garantiriam, assim, a manutenção estrutural da ordem social vigente, mas o que garantiria a volta da rentabilidade seria a aceleração tecnológica. “Ao invés da pesquisa e do desenvolvimento buscar novos produtos, o objetivo atualmente é produzir ganhos em rentabilidade” (LEHER, 1988 p.123). A aceleração tecnológica (Sevckenko) e as chamadas "reformas estruturais", Sevckenko (2001), Cardoso (1999) e Leher (1998) foram, em grande medida, uma resposta para a chamada crise estrutural do capitalismo dos anos 70 e 80.

Desta forma, o fenômeno da globalização, ou do globalitarismo, por meio da revolução técnico científico e informacional, intensificada a partir da década de 1970, tem como uma de suas principais características o encurtamento das relações pessoais, facilitando, assim, a troca de experiências políticas, econômicas e sociais, defrontando a sociedade com mudanças significativas em suas bases sociais e tecnológicas assumindo uma roupagem ideológica da classe dominante.

Segundo Miriam Limoeiro (1999), a globalização identifica-se com a internacionalização de mercados, enfatizando sua relação com o progresso tecnológico informacional e o novo padrão de organização da produção e da gestão de bens e serviços. “A acepção de globalização é, pois uma ideologia. Expressa posições e interesses de forças econômicas extremamente poderosas e vem comandando intensa luta ideológica – luta essa que passa pela mídia e pela universidade – para tornar-se dominante mundo afora.” (LIMOEIRO, 1999, p.98).

Limoeiro trabalha com a idéia de que o desmonte do bem estar social foi conseguido com certo êxito devido a forte influência da ideologia da globalização. A

idéia de que é necessário “sofrer” agora para que no futuro venhamos a desfrutar dos ganhos da modernidade tecnológica, foi aceita de tal forma que, dificilmente, encontramos focos de resistência em escala planetária.

A posição imposta pelo capital aos países periféricos, com isso, é priorizar o setor primário. Uma volta significativa da antiga Divisão Internacional do Trabalho, onde não só o Brasil, mas a América Latina como um todo, importaria novas tecnologias e voltaria a exportar, além dos juros da dívida, royalties e lucros, *comodities*, isto é, produtos oriundos do setor primário.

Esse regresso a país exportador de matéria prima traz um grande retrocesso nas políticas educacionais de todo o cone sul, pois esses países, para ocupar seu lugar na DIT (Divisão Internacional do Trabalho), não precisariam de investimentos em pesquisas científicas, diminuindo seus investimentos na área de educação, cumprindo, com isso, a agenda neoliberal de ajuste estrutural.

Porém, tudo isso, faz parte de uma grande rede internacional de interesses, onde os grandes donos dos meios de produção e o grande capital financeiro, por meio de órgãos reguladores internacionais, atuam na constante luta para a manutenção da ordem social vigente; sustentando o discurso, por meio de instrumentos de imprensa ligados a estes órgãos, frisando a apatia das massas, derivada da naturalização e da normalidade em que se apresenta as mazelas da sociedade.

Para isto, a orientação desses órgãos internacionais é a de que os governos deveriam apostar alto nas parcerias, transferindo assim, às ONG's e as empresas e / ou grupos privados, o gerenciamento das escolas ou do sistema de ensino; terceirizar serviços e reestruturar a formação e o plano de carreira unificado dos profissionais de educação (docentes e funcionários), tornando em medidas para um suposto aumento na velocidade e eficácia das políticas públicas educacionais.

Estas medidas de orientação neoliberal reafirmam a ideologia no campo educacional de consolidar a naturalização da estrutura social, mantida pela classe dominante ao longo de sua história, além de formar indivíduos para o puro e simples consumo, deixando de lado a função social da educação que, diferentemente desta função excludente, tem como função social ensinar bem e, preparar os indivíduos para exercer sua cidadania e o trabalho no contexto de uma sociedade complexa, enquanto se realizam como pessoas.



### 1.3 – Democracia(s), Ditadura(s): Do legado burguês à sua superação.

Um texto estudado para tal intuito foi uma obra que contribuiu de forma singular para esta pesquisa, mesmo com todas as ressalvas a serem feitas, foi a da filósofa Marilena Chauí: *Cultura e Democracia*. Aprendi com Marilena a ampliar a visão acerca da Democracia e sua estreita relação com cultura de um dado povo. Minhas perspectivas se ampliaram quando a autora trouxe para sua reflexão a questão da Democracia relacionando – a com a sociologia, com a filosofia e com a história.

Segundo Chauí, o caráter sociológico da Democracia prende-se em representar o fato dela própria existir, ou seja, a fundação das instituições democráticas. Continuando em sua análise, a autora estuda, então, três condições sociais da existência da democracia: do ponto de vista da política; do ponto de vista da economia; do ponto de vista da alienação.

Do ponto de vista da política, a democracia nada mais é que um mecanismo para legitimar escolhas e escolher governos, a partir da existência de grupos que competem pela governança, associados em partidos políticos e escolhidos pelo voto. Em outras palavras, nós não decidimos, escolhemos pessoas que decidem por nós. Esse sistema eleitoral não privilegia a vontade e nem, principalmente, a necessidade do povo. Ele está aí para assegurar um Estado capaz de apaziguar questões sociais, com o intuito de preservar a ordem estrutural de poder do capital.

Do ponto de vista econômico, Marilena apresenta, em um resumo de poucas linhas, uma definição marxista da questão econômica como condição social da democracia. Ela diz: “A transformação das relações de classes pela transformação do sistema de produção e do sistema de propriedade, com o fim da exploração da força de trabalho, da superação entre o trabalho braçal e o trabalho intelectual, em suma, trata-se da igualdade sócio-econômica” (142).

Sabemos, no entanto, como a autora afirma, e a historiografia nos mostra, que algumas experiências socialistas não deram certo, pois foram levadas a um “planejamento da organização, do dirigismo e da burocracia” (142). Porém, não é o intuito desse estudo aprofundar o panorama sócio-político e econômico dessas experiências, assim como não é de nosso objetivo aprofundar categorias marxistas como racionalidade econômica, com a qual Marilena Chauí trabalhou. Mas, é de suma

importância destacar aqui a estrutura capitalista e o total cerceamento das forças democráticas embutidas por esse regime. Isto é, analisando o caráter econômico da sociedade capitalista, vemos que sua forma de produção é acintosamente de caráter exploratória e de opressão do trabalhador. Não há democracia.

Continuando a estudar as reflexões da autora, vemos que ela levanta uma questão importantíssima do ponto de vista da análise marxista sobre a questão da economia como condição social da democracia. Definir a qualidade do ganho e da perda dentro do sistema regido pelo grande capital é sim recolocar em pauta esta condição. Ela afirma:

Numa perspectiva democrática, a esfera econômica, enquanto condição da socialização e enquanto condição social da democracia ultrapassa a idéia de uma organização racional da produção e da distribuição e recoloca na ordem do dia a questão da exploração da mais valia e com ela a definição da qualidade social dos ganhos e das perdas para a sociedade como um todo. (CHAUÍ, 1993,p.144)

E, por fim, como condição social da democracia ela trabalhou a idéia de alienação. O conceito de alienação e o de sua forma na sociedade capitalista, em resumo, define-se como problema da divisão social do trabalho como divisão das classes para e pela exploração social da, mais valia, exploração que não é realizada pelo Estado, mas sim, por meio dele. Como disse Chauí:

Eis por que a questão da democracia, ao ser reduzida à esfera estritamente político institucional, acaba sendo reduzida a uma discussão que se concentra, em última instância, nas transformações do aparelho do Estado, isto é, discutida “pelo alto” e com as lentes dos dominantes. (CHAUÍ, 1993, p.148)

Quando Marilena Chauí relacionou a democracia com a questão da filosofia, ela aprofundou a fundação dos princípios democráticos. Segundo ela, a riqueza da democracia está não por que todos podem ocupar o poder, nem por que todos governam, nem por que todos são representados, mas por que nela ninguém pode identificar-se com o poder.

Marilena Chauí também relacionou a democracia com a história. Se na sociologia o fato era a condição importante para a existência de um regime democrático, na filosofia as idéias é que fundamentavam as pretensões democráticas. Agora, na

história, a autora considerou as duas partes estudando de forma dialética a práxis marxista de interpretação da história.

Sociedade democrática não está no tempo, mas se efetua no tempo, isto é, uma sociedade que não pode deixar de se reinstituir por que para ela sua gênese e sua formação são questões incessantemente recolocadas. É assim que se apresenta o Materialismo histórico – o materialismo é histórico por que é dialético. Nele o movimento do real é o de uma reflexão negadora cujo motor é a contradição, isto é, a luta de classes. – o motor da história é o conflito da luta de classes (MARX & ENGELS, 2000, p. 9).

Vale lembrar que a atual Democracia, a Democracia burguesa, se tornou, ao longo da história, um mecanismo de dominação utilizado pela classe dominante em detrimento a classe dominada. Esta forma da sociedade se organizar teve como objetivo produzir e reproduzir seu poder, tendo no Estado o aparelho dinamizador desta estrutura. O Estado assume, então, o papel de mecanismo de reprodução onde qualquer sinal de insatisfação dos povos e, conseqüentemente de sublevação, é detida pela força repressora do Estado.

Seria, então, esta democracia uma verdadeira democracia que suprirá as necessidades concretas de um povo? Uma democracia que reprime a maioria por suas contestações? Os argumentos apresentados nesta monografia até aqui afirmam que não. O povo precisa de uma nova Democracia. Uma Democracia que não venha do alto mas sim, que saia do próprio povo. E, para a construção desta Nova Democracia, como veremos adiante, o papel da educação se faz necessário. Formar criticamente pessoas que, se descubrem verdadeiras personagens ativas de suas vidas e do coletivo. Se antes a Educação servia a interesses da classe dominante para a (re) produção da estrutura do capital, dentro de uma perspectiva revolucionária, a educação, agora, desenvolverá o papel histórico de reunir condições para fins cada vez mais emancipatórios. É sabido que a utopia e o oportunismo de esquerda se encarregam de enfeitar e deturpar as necessidades do homem, porém nenhuma destas é capaz de apagar a necessidade por uma Educação que prioriza não só partes da formação do homem, mas sim, a formação do homem como um todo, em suas variadas facetas.

Podemos pensar, então, em uma nova maneira da sociedade se organizar em uma Nova Democracia, tendo seu conteúdo inteiramente popular, em que só se dará com a incorporação do povo nas funções de controle e administração pública, assim como, na incorporação e controle da produção material de sua vida social.

Sem dúvida, a burguesia ampliou a democracia como nunca se tinha visto antes. Entretanto, a República democrática, mesmo atingindo a patamares até então inalcançáveis no que diz respeito ao desenvolvimento das relações pessoais, ainda se encontra incompleta e restrita. A incompletude da democracia burguesa se dá, sobretudo, devido ao modo de produção empreendida pelo capital. A priori, quem desfrutava da democracia era o capitalista. Um texto que nos ajuda a elucidar e a esmiuçar este tema é o clássico marxista “Estado e a Revolução”, de V.I. Lênin. No auge da Revolução proletária Russa, liderada pelo autor, este lançou seu olhar sobre o nascimento de uma nova forma de sociedade se organizar, tendo uma outra base de produção material da nossa vida social. Este desenvolvimento histórico, segundo o autor, advém da força social concebida pelo capitalismo. Nas palavras do autor:

A sociedade capitalista, considerada nas suas mais favoráveis condições de desenvolvimento, oferece-nos uma democracia mais ou menos completa na República democrática. Mas, essa democracia é sempre comprimida no quadro estreito da exploração capitalista. No fundo, ela não passa nunca da democracia de uma minoria, das classes possuidoras, dos ricos. (...) Os escravos assalariados de hoje, em consequência da exploração capitalista vivem por tal forma acabrunhados pelas necessidades e pela miséria, que nem tempo tem para se ocupar de “democracia” ou de “política” no curso normal e específico das coisas, a maioria da população se encontra afastada da vida política e social (LÊNIN, 2007, p.104)

A democracia, historicamente, apareceu com a propriedade privada e as suas classes sociais através do Estado, como a liberdade concreta da classe dominante de exercer toda a ditadura sobre a classe dominada e assegurar, assim, a sua exploração para a (re)produção da estrutura social vigente instituída pelo capital.

Ao mesmo tempo em que produz uma considerável ampliação da democracia que se torna pela primeira vez a democracia dos pobres, do povo e não mais apenas a da gente rica, a ditadura do proletariado traz uma série de restrições a liberdade dos opressores, dos exploradores, dos capitalistas (106)

De acordo com a dialética materialista, ditadura e democracia formam uma unidade de contrários. O Estado é uma de suas manifestações. Logo, a democracia burguesa que é a democracia de uma minoria, e é ditadura para uma imensa maioria assegurada pelo estado burguês. Assim sendo, a democracia socialista é democracia

para a imensa maioria (os trabalhadores) é ditadura para a minoria (classe dos exploradores) assegurado pelo Estado socialista.

É pertinente destacar um argumento de Lênin, quando ele afirma que a democracia é uma das formas, uma das variantes do Estado. Por consequência, da coação sobre os homens. Isto por um lado. Por outro, ela é o reconhecimento formal da igualdade entre os cidadãos, do direito igual a todos em determinar a forma do Estado e administrá-lo.

Em suma, a classe dos trabalhadores não pode limitar-se simplesmente a tomar posse da máquina do Estado, tal como está e servir-se dela para seus próprios fins. Teria de desmontar toda a velha máquina burocrática administrativo- militar do estado burguês para por na ordem do dia as premissas desta nova democracia. Por isso pergunta é pertinente:

Como uma concepção dialética de educação integral pode contribuir na construção de uma nova democracia que verdadeiramente sirva ao povo?

## CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO INTEGRAL: NOS CAMINHOS DO PENSAMENTO DIALÉTICO E SOCIALISTA

*A palavra! vós roubais-la  
Aos lábios da multidão  
Dizeis, senhores, à lava  
Que não rompa do vulcão.  
Mas qu'infâmia! Ai, velha Roma,  
Ai, cidade de Vendoma,  
Ai, mundos de cem heróis,  
Dizei, cidades de pedra,  
Onde a liberdade medra  
Do porvir aos arrebóis.  
(Castro Alves)*

Acredito no pressuposto de que não houve, até hoje, no seio do pensamento liberal-capitalista, o desejo de que o nosso povo se educasse, se alfabetizasse politicamente, pois a educação implica o conhecimento de que é possível intervir no mundo. Que é possível mudar as estruturas. Educar esclarece que rebelar-se é possível.

Interesses de grupos internacionais, ligados ao grande capital, trabalham no discurso da “mansidão”, da apatia das massas e da falta de perspectiva de luta do povo, advindas da naturalização e da normalidade frente aos problemas da sociedade capitalista. O objetivo é fragmentar cada vez mais a sociedade, e deixá-la na mais total inércia, num ponto tal que a sublevação contra toda esta ordem ficaria comprometida diante desta “sólida” e “intransponível” estrutura social do capital. E um dos instrumentos utilizados é a supracitada educação e, conseqüentemente sua instituição formal, a escola.

Como foi dito antes, e relembrando Althusser,

(...) nenhum aparelho ideológico do Estado dispõe durante tantos anos da audiência obrigatória (e por menos que isso signifique, gratuita ...), 5 a 6 dias num total de 7, numa média de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista.” (ALTHUSSER, 1985, p. 80)

Mesmo levando em conta a resistência contra as mazelas da sociedade por meio da educação e da escola, não podemos deixar de lado este fato apresentado pelo autor. É muito o tempo que os jovens passam em nossas escolas e, segundo o próprio estudioso, a “inculcação” de saberes e valores próprios do capitalismo, mesmo que o estudante saia no meio de sua caminhada escolar, ainda se faz eficaz e perigosa no que diz respeito ao conformismo que este aluno recebe por meio dessa educação fragmentada.

Diferentemente disto, ao iniciar meus estudos acerca da Educação, descobri que uma Educação Integral de concepção marxista independe do tempo que o educando passa em uma instituição de ensino. Uma educação é considerada integral, de acordo com o pensamento marxiano, no momento em que contempla a situação sócio – econômica e político - cultural do educando, enfocando em sua formação o trabalho com o corpo, a mente e o espírito.

Entretanto, em nossa sociedade classista, como vimos, a educação burguesa se baseia no dualismo educacional, em que uma escola forma a força de trabalho para mover o sistema e outra escola, para formar os líderes que direcionarão a estrutura. É assim que, por sua vez, o sistema capitalista mantém seu funcionamento e alarga cada vez mais o abismo entre aqueles que possuem e os que nada tem, agravando, assim, a luta de classes.

Por meio de métodos tradicionais, o sistema educacional burguês garante que as crianças das diferentes classes sociais saem da escola em "diferentes pontos da carreira escolar" (MOREIRA e SILVA, 1994, p.36). Os que não conseguem ser alfabetizados ou são alfabetizados parcialmente, aprenderiam as atitudes e valores próprios das classes subordinadas; os que fossem até o fim da carreira escolar seriam socializados no modo de ver o mundo próprio das classes dominantes. São sobretudo as crianças pobres, filhas do povo, que fracassam por que a escola as trata como se estivessem em pé de igualdade com as crianças provenientes de meios mais favorecidos, tornando seu sucesso escolar uma barreira a ser vencida.

Em outras palavras, o capitalismo, historicamente, impõe a separação entre os que “pensam” e os que “fazem”, o motivo primordial para a solidificação da alienação enquanto fenômeno social é, justamente, essa segregação entre o saber e o fazer, deixando o caminho favorável para a (re) produção do sistema.

Aqueles que conseguiram percorrer a caminhada da educação formal, em sua grande maioria são jogados para as áreas de especialização ou profissionalização. O que quero dizer com isso é que, para entrar no mercado de trabalho, este filho do povo deverá ter uma especialização, ou profissionalização em uma determinada atividade, senão ficará jogado à margem dos postos de trabalho. Um autor que elucidou esta questão, de forma singular, com suas discussões sobre esse tema, foi o professor Moacir Gadotti. Em seu trabalho *Concepção dialética da Educação: Um estudo introdutório*, Gadotti nos diz:

Contra a “especialização” e a “profissionalização” que a classe dominante reserva para a classe trabalhadora, Marx opõe o conceito de omnilateralidade. Nele encontramos certa referência ao conceito de “homem integral” de Aristóteles. Para Aristóteles, a educação tem por finalidade o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, potencialidades estas que preexistem no homem, bastando atualizá-las, colocá-las em ato. (...) Para Marx, a omnilateralidade não é o desenvolvimento das habilidades humanas inatas. É a criação dessas potencialidades pelo próprio homem, no trabalho. Ele concebe a educação como um fenômeno vinculado à produção social total. (Gadotti, 2003 p.61)

A divisão social do trabalho produz o homem dividido, fragmentado, unilateral. Cada vez mais é necessário, para o mercado orientado pelo grande capital, ter a força de trabalho especializada. Ao invés do homem se satisfazer com o seu trabalho, ele se aliena nele, causando assim a separação entre o homem e a natureza. Mais adiante entraremos nesta contenda.

Para contrapor à ordem capitalista, Gadotti afirma que Marx tem a intencionalidade de tornar o homem capacitado para participar de todas as mudanças das relações de trabalho de forma consciente e não alienada. Só que este objetivo só é alcançado, de acordo com Gadotti, quando se:

Substituir o homem unilateral, especializado e alienado pelo homem Omnilateral, não especializado e sobretudo, livre da exploração e da alienação do trabalho (...) é nesse sentido que deve ser entendido o surgimento do “homem novo” (Gadotti, 2003, p.63).



Dentro desta perspectiva, toda atividade humana, em geral, depende de um conjunto integral de intenções e realizações que, ao longo do processo de totalização, se encontra em constante estágio de inacabamento. Qualquer objeto (simbólico ou não) que o homem possa intuir ou modificar faz parte de um conjunto e, está integrado com as mais variadas partes. Sendo assim, dirijo a discussão para o estudo do conceito de **omnilateralidade**, desenvolvido por Marx, na construção de um “homem novo”.

Omnilateralidade, portanto, de acordo com um trabalho muito importante do italiano Mario Manacorda, *Marx e a Pedagogia moderna*, é o “desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade de sua satisfação”. (MANACORDA, 2000, p.78 - 79)

E vai além. Ele diz que, “a omnilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidade de consumo e prazeres, em que se deve considerar, sobretudo o gozo daqueles bens espirituais (MANACORDA, 2000, p.81)

E a concepção dialética da educação nisso tudo?

Pois bem, ao pesquisar as principais obras de Karl Marx, não encontrei um compêndio acerca de uma pedagogia elaborada por esse pensador. Entretanto, vemos em vários textos suas reflexões sobre a educação e sua relação com a concepção de uma construção de um “homem novo” para uma “sociedade nova”. Encontramos assim, nos textos de Marx, três grandes orientações para a educação: Uma Educação Pública, uma educação gratuita e uma educação para o trabalho.

Estes pilares para a educação podem ser observados em vários textos do autor. Contudo, está no *Manifesto Comunista* o despertar dessa orientação. Para a construção de um Estado proletário, Marx enumera algumas medidas de ordem estrutural, dentre elas, o item de número 10: “Educação gratuita para todas as crianças em escolas públicas (...). Combinação de educação com produção industrial etc...” (MARX & ENGELS, 1998, p. 43).

Dando continuidade à contribuição do professor Gadotti a este trabalho, o autor discute, dentre outros temas pertinentes a essa minha reflexão, a relação entre educação e trabalho como movimento profundamente pedagógico no desenvolvimento das atividades humanas no seio da sociedade. Sobre isto, Gadotti diz:

A riqueza social se reflete no desenvolvimento da natureza humana condicionada ao desenvolvimento das forças produtivas (...)Marx critica a divisão social do trabalho que subjuga o homem à máquina e lança as bases de uma teoria da personalidade que supere a especialização. As faculdades do homem devem ser desenvolvidas em todos os domínios da vida social, isto é, no trabalho, na política, na economia, na cultura no consumo, etc... (Gadotti, 2003, p.56).

Sendo assim, seguindo essa linha de pensamento, Marx emprega um caráter formativo à produção material da nossa vida social. De forma integral, esta educação engloba a questão do físico, do moral, do intelectual, contribuindo também para a formação científica e cultural do indivíduo, levando em conta a importância de seus direitos e deveres dentro de uma coletividade.

Constato então, que não é o trabalho alienado, opressor, que causa sofrimento e dor a milhares de trabalhadores, que elevará o espírito humano a patamares cada vez mais complexos de seu desenvolvimento. Não é essa relação de trabalho orientada pelo grande capital que busca despoticamente por mais-valia e acumulação que estimulará as faculdades humanas em toda a sua plenitude, de forma integral.

Sendo assim, é de suma importância para este trabalho esclarecer o que Marx pensa sobre essa relação entre produção social e educação (o termo que Marx utiliza e instrução) e que, em nossa visão, leva em conta a formação integral do homem. Para isto, lancemos mão das reflexões de Gadotti:

Marx une o ato produtivo e o ato educativo, explicando que a unidade entre a educação e a produção material deveria ser como um meio decisivo para a emancipação do homem. (...)Não se trata apenas de aprender uma profissão, mas compreender o processo de produção e organização do trabalho. Para isto, não basta conhecer algumas técnicas, saber manusear ou operar um instrumento (Gadotti, 2003, p.58)

Ele vai além. Em relação ao ensino politécnico, defendido por Marx como caráter formativo, diz: “O ensino politécnico tem por finalidade fazer compreender e viver a estrutura econômica – social, a partir de sua inserção na atividade de produção e intensificar assim suas capacidades de ação. (Gadotti 2003, p.58)

Desta forma, a relação educação e trabalho procura combater a alienação do modo de produção material. Esse combate trás de volta, na dinâmica da sociedade, a participação do homem, em sua organização e ação. Para isto, Gadotti diz que Marx nos mostra, então, o tripé básico para o ensino<sup>5</sup> (Gadotti, 2003, p.58): o ensino intelectual (cultura geral), desenvolvimento físico (a ginástica e o esporte) e a aprendizagem profissional polivalente (técnico e científico).

De um modo geral, estas características indicam a resposta para uma de minhas questões: O que é uma Educação Integral de cunho socialista? Os indicativos, até aqui, demonstram que, dentro deste campo teórico de análise da realidade concreta, encontram-se fundamentos para a elaboração de uma Educação Integral em uma concepção socialista e a necessidade, por sua vez, da sistematização destas diretrizes educativas. Temos, então, o caráter Integral de uma Pedagogia voltada para a formação omnilateral do homem.

Com o exposto, considero pertinente indagar: Como se dará a formação desse novo homem, e qual sociedade queremos construir com esta educação? Como essa Pedagogia Dialética, com fundamentos que levam à Educação Integral de cunho socialista, contribuirá na construção desse novo homem democrático e consciente de sua situação de classe?

A pedagogia dialética sustenta que a formação do homem se dá pela elevação da consciência coletiva, realizada concretamente no processo de trabalho (interação) que cria o próprio homem. A Pedagogia Dialética da educação, portanto, é social, científica, uma pedagogia voltada para a construção do homem coletivo. (Gadotti, 2003, p.157)

Trata-se de por a Pedagogia em outros trilhos, uma pedagogia que não se comprometa com os interesses burgueses, reacionários mas, se comprometa com os interesses das classes subalternas, com os interesses revolucionários das classes populares (...) Trata-se de dar à educação uma perspectiva de classe, uma estrita concepção de classe. (Gadotti, 2003, p.158)

Esta questão, Gadotti refletiu no item que ele chamou de “a luta por uma educação emancipadora”, quando inicia afirmando que “o povo tem na luta pela

---

<sup>5</sup> Nesta passagem Gadotti afirma a preocupação de Marx em proporcionar esta educação desde a educação infantil.

sobrevivência a sua escola” e que “educar-se para ele, é assumir a consciência dessas condições, aliando o trabalho, a sobrevivência e a resistência” (Gadotti, 2003, p165).

Em minha opinião o argumento de Gadotti, nesse sentido, é bastante convincente, na medida em que ele sustenta a importância crucial das tomadas de consciência de classe do novo homem. Esta educação tem o dever, o compromisso político de organizar, de mobilizar para a participação popular nas tomadas de decisões para a coletividade fortificando assim, cada vez mais, a construção desta nova democracia.

Para tentar elucidar essas questões, lanço mão de outro texto estudado para enriquecer esse debate. O trabalho de Demerval Saviani, *Educação Socialista, Pedagogia Histórico – crítica e os desafios da sociedade de classes* sem dúvidas irá esclarecer alguns pontos dentro dessa temática. Um pressuposto levantado por Saviani é que a “educação é uma atividade especificamente humana cuja origem coincide com a origem do próprio homem, é no entendimento da realidade humana que devemos buscar o entendimento da educação” (LOMBARDI e SAVIANI, 2005, p. 224)

Temos de pensar a educação dentro desta sociedade de classes. Mesmo sabendo que o homem não tem sua existência garantida pela natureza, e que precisa produzi-la, torna-se evidente a necessidade de aprender a produzi-la, ele necessita aprender a agir sobre a natureza (LOMBARDI e SAVIANI, 2005, p 247). Saviani argumenta, ainda, que a educação coincide com a própria vida, isto é, ela é a própria vida.

Partindo desta orientação, o processo educativo torna-se responsável em dar continuidade aos descobrimentos e aperfeiçoamentos das necessidades materiais para a vida social de uma coletividade. Em outras palavras, quando saberes e valores específicos para um conjunto de pessoas é passada de geração em geração, buscando sempre seu desenvolvimento a educação cumpre seu dever.

Aprendi com Demerval Saviani que a concepção socialista de educação pode ser formulada em contraposição à concepção burguesa, no modo como é organizado o sistema burguês de ensino. Ao atentar para as contradições existentes no interior da sociedade capitalista, Saviani destaca três contradições que ele julga importantes para sua reflexão: “trata-se das contradições entre o homem e a sociedade, entre o homem e o trabalho e entre o homem e a cultura” (LOMBARDI e SAVIANI, 2005, 231). Na primeira contradição, o autor lançou mão do ensino fundamental para superá-la. Já na segunda, Saviani argumenta da importância de um ensino médio pautado na politecnicidade

para engendrar tal superação. E, na contradição entre o homem e a cultura, a argumentação é que a educação superior pode organizar a cultura superior. Para este estudo monográfico, percebo a importância de se trabalhar apenas com a superação das duas primeiras contradições.

Primeiramente, se o modo burguês de produção limita a participação do povo nos ditames e na organização de sua sociedade, em contraposição, a concepção dialética de educação promove a formação básica comum, que possibilita, de acordo com Saviani a “reconciliação entre o indivíduo e o cidadão” ao investir em uma educação fundamental. Isso permitiria a superação entre o homem e a sociedade.

Do ponto de vista de uma análise pedagógica, Saviani diz que o “nível de desenvolvimento atingido pelas formações sociais contemporâneas (...) coloca a exigência de um acervo mínimo de conhecimentos sistemáticos” (234):

O acervo de referência inclui a linguagem escrita e a matemática, já incorporadas na vida da sociedade moderna, as ciências naturais, cujos elementos básicos relativos ao conhecimento das leis que regem a natureza são necessários para se compreender as transformações operadas pela ação do homem sobre o meio ambiente, e as ciências sociais por meio das quais se pode compreender as relações entre os homens, as formas como elas se organizam, as instituições que criam as regras de convivência que estabelecem, as quais vão implicar a definição de direitos e deveres. O último componente, as ciências sociais, corresponde, na atual estrutura, aos conteúdos de história e geografia. (LOMBARDI e SAVIANI, 2005, p.234)

Da mesma maneira, se o modo burguês de produção é unilateral, fragmentado e especializado, em contraposição, a concepção dialética de educação promove a politecnicidade - união entre escola e trabalho (instrução intelectual e trabalho produtivo). Isso permitiria a superação da contradição entre o homem e o trabalho. Nas palavras de Saviani: “Pela tomada de consciência teórica e prática do trabalho como constituinte da essência humana para todos e de cada um dos homens.” (LOMBARDI e SAVIANI, 2005, p. 234).

Pedagogicamente mais específico, o autor argumenta sobre a autonomia relativa do saber em relação ao processo de trabalho do qual se origina. “A função da escola de nível do ensino médio será, então, o de recuperar essa relação entre o conhecimento e a prática do trabalho” (LOMBARDI e SAVIANI, 2005, p. 235).

Ele sustenta, assim, o argumento da presença do conceito de educação e trabalho no ensino médio agora, de forma direta e explícita ao retomar os recursos das oficinas, onde o aluno manipularia os processos práticos e básicos da produção. Saviani chama a atenção da importância que se deve dar ao domínio dos fundamentos das técnicas diversificadas utilizadas na produção, e repele o simples conceito reprodutivista de adestramento em técnicas produtivas, como acontece em nossas escolas técnicas. Em uma passagem o autor argumenta:

O trabalho com a madeira e o metal tem imenso valor educativo, pois apresenta possibilidades amplas de transformação. Envolve não apenas a produção da maioria dos objetos que compõem o processo produtivo moderno, mas também a produção de instrumentos como quais esses objetos são produzidos. No trabalho prático com a madeira e o metal, aplicando os fundamentos de diversificadas técnicas de produção, pode-se compreender como a ciência e seus princípios são aplicados ao processo produtivo, pode-se perceber como as leis da física e da química operam para vencer a resistência dos materiais e gerar novos produtos. Faz-se, assim, a articulação da prática com o conhecimento teórico, inserindo-o no trabalho concreto realizado no processo produtivo. (LOMBARDI e SAVIANI, 2005, p. 235).

Vale a pena destacar que a “a articulação da prática com o conhecimento teórico, inserindo-o no trabalho concreto realizado no processo produtivo” é a aposta, então, desse ensino, é na universalização de uma escola em que se desenvolva ao máximo as potencialidades dos indivíduos (omnilateralidade). Essa escola, como superação do modelo de escola capitalista, estaria voltada para o trabalho manual e o trabalho intelectual, dentro de uma estrutura formal de ensino.

Sem dúvidas, é uma formação de um novo tipo, para um novo tipo de homem, atuante e participante dos ditames e da organização de uma sociedade de novo tipo. Vemos então que é na luta pela democracia que encontramos a via fundamental capaz de chegar a superação do *status quo* do capital.

Visto tudo isto, considero necessário indagar: Poderia esta Educação Integral capaz de contribuir para a construção de uma nova Democracia? Uma Democracia que, verdadeiramente, sirva ao povo?

### **CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO INTEGRAL E DEMOCRACIA: QUAL PRÁTICA? PARA QUAL DEMOCRACIA?**

*QUANDO nas praças s'eleva  
Do povo a sublime voz...  
Um raio ilumina a treva  
O Cristo assombra o algóz (...)  
A praça! A praça é do povo  
Como o céu é do condor  
É o antro onde a liberdade  
Cria águias em seu calor.*

*(Castro Alves)*

Até aqui procurei mostrar, com meus argumentos, a importância de uma concepção de Educação Integral de cunho marxista em contraposição ao ensino burguês, baseado na orientação capitalista da exploração do homem pelo homem. Neste último capítulo refletirei, então, sobre as **contribuições** desta educação na construção de uma Nova Democracia, que verdadeiramente sirva ao povo.

A intenção deste capítulo é voltar a falar de alguns conceitos que foram utilizados neste trabalho, e aprofundá-los, na medida do possível relacionando-os com esta nova forma da sociedade se estruturar (o modo socialista). Termos como consciência de classe, alienação e trabalho (tomada de poder dos meios de produção) me ajudarão a demonstrar o quão importante podem ser estas contribuições à nova ordem instituída pelos trabalhadores. Então, das inúmeras contribuições possíveis, destacarei apenas três, que considero salutares para o fechamento deste trabalho.

Antes de mais nada é preciso reafirmar que uma premissa marxista básica que norteará este capítulo é a de que só pela prática social dos homens é que podemos estabelecer um critério de verdade dos conhecimentos que o homem possui sobre o mundo real. Isto é, somente no processo das atividades práticas criadoras do homem é que este terá condições de reunir informações necessárias para serem dadas como uma verdade concreta.

Sendo assim, destacarei a importância da contribuição da Educação Integral ao combater a alienação e, em promover à necessidade acerca do esclarecimento político da origem e da consciência de classe do trabalhador, para, enfim, tomando as premissas

de Saviani e Gadotti, promover uma educação que caminhe concomitantemente com a Revolução Socialista.

### **CONTRIBUIÇÃO 1**

As condições que o homem necessita para poder “fazer a história”, ou seja, participar ativamente da dinâmica da sociedade, se dão, sobretudo, na produção, minimamente, das necessidades básicas do homem (comer, vestir e beber). Como nos lembrou Marx:

Somos obrigados a lembrar que o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que todos os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer a história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam que haja a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato esse é um ato histórico, uma exigência fundamental de toda a história, que tanto hoje como há milênios deve ser cumprido cotidianamente e a toda hora, para manter os homens com vida. (MARX e ENGELS 2005. P. 53)

Visto que a produção destas necessidades humanas imediatas é de suma importância para a sobrevivência da humanidade, o modo como produzi-las tinha então, de ser passado de geração em geração, para a perpetuação do gênero humano. Com isso, a ampliação das potencialidades humanas no trabalho de dominação da natureza é uma característica intimamente pedagógica. O que estou mostrando é que, tanto o pensamento de Gadotti, quanto o de Saviani, baseados na teoria marxista, indicam a educação como parte inerente ao desenvolvimento do homem na história e esse desenvolvimento deve-se ao trabalho.

Todavia, com a divisão social do trabalho, isto é, a divisão dos que detém os meios de produção e dos que vendem sua força de trabalho, os homens encontraram e encontram entraves sócio-políticos e econômicos-culturais para enxergar todas as mazelas e iniquidades existentes em nossa sociedade classista e, isto os impossibilita de ver as situações de modo integral, completo, total. Em outras palavras, no processo de suas atividades práticas, em uma sociedade classista, os homens são levados a ver estas



atividades apenas no modo superficial dos diferentes fenômenos encontrados ao longo desse processo; eles vêem aspectos isolados dos fenômenos. Nesse grau, os homens não conseguem elaborar conceitos profundos.

Para fundamentar esta argumentação, usarei uma fala do professor Konder, em seu livro *O que é Dialética*, retomando a discussão apresentada por mim no capítulo anterior sobre o trabalho. Ele diz que:

As condições criadas pela divisão do trabalho e pela propriedade privada introduziram um “estranhamento” entre o trabalhador e o trabalho, na medida em que o produto do trabalho, antes mesmo de o trabalho se realizar, pertence a outra pessoa que não o trabalhador. Por isso, em lugar de realizar-se em seu trabalho, o ser humano se aliena nele; em lugar de reconhecer-se em suas próprias criações, o ser humano se sente ameaçado por elas; em lugar de libertar-se, acaba enrolado em novas opressões. (KONDER, 2006, p. 30)

Antes da expansão da Revolução Industrial no séc XII, como vimos no Capítulo 1, o trabalhador ainda detinha o conhecimento (tecnológico) de sua produção, isto é, ele não se alienava no trabalho, pois possuía os meios de produção e entendia e participava do modo de produção de forma integral, dominando todas as etapas da transformação desde a matéria prima até o produto final<sup>6</sup>.

Encontrava-se, ainda entre os artesãos da Idade Média um interesse por seu trabalho particular e pela habilidade em exercê-lo, que podia atingir até um certo sentido artístico. É também, por isso que cada artesão, no feudalismo, se entregava totalmente ao seu trabalho, ao qual mantinha uma agradável relação de submissão e ao qual estava muito mais subordinado do que o trabalhador moderno, que é indiferente em relação ao seu trabalho. (MARX E ENGELS 2005, p.86)

Convencionou-se chamar de alienação, o processo de deixar o “trabalhador moderno indiferente em relação ao seu trabalho”. O mecanismo no qual o capital fez uso é o da desapropriação do trabalhador não só de seus meios de produção, mas,

---

<sup>6</sup> Para lembrar é só se remeter ao clássico exemplo dos livros de história do ensino médio, onde diz que um trabalhador desta época, vamos tomar como referência o sapateiro, curtia o couro, que era seu, cortava-o, com suas tesouras ou facas, ou estiletes, e costurava com suas linhas e agulhas até ter o produto final (sapato) que ele venderia.

sobretudo e significativamente, por meio da desapropriação do conhecimento histórico ligado àquele modo de produzir os materiais necessários para a vida social, impedindo, assim, a expansão das liberdades reais, indispensáveis para o desenvolvimento integral das faculdades humanas.

Dito de outra forma, eu quero argumentar acerca da necessidade do capitalista em buscar cada vez mais lucros é da promoção do capital da destituição do saber do trabalhador. Se antes o trabalhador sabia todas as etapas do processo de produção dando um toque quase artístico no produto final agora, este mesmo trabalhador não possui os conhecimentos necessários para a realização da produção como um todo. O capitalista retirou o saber científico do trabalhador e o especializou, limitando-o apenas a realizar, mecanicamente sua tarefa, sem refletir sobre sua prática.

Contudo, para que haja o desenvolvimento é necessário que se derrubem todos os fatores de privação das liberdades. Estas melhorias e liberdades têm como objetivo, no mínimo, não só assegurar os direitos básicos do homem, como vestimentas, alimentação e habitação mas, também, proporcionar à humanidade, meios necessários para sua auto-suficiência tecnológica, sem ser fundamentada no modo de exploração do homem.

Quando falamos da tomada dos meios de produção, não temos de tomá-los no *stricto sensu* da palavra. Temos de levar em conta, diante do que apresentei, a tomada do conhecimento presente naquele instrumento de trabalho e sociabilizá-lo ao trabalhador. Em outras palavras, não temos só de realizar a apropriação das máquinas mas sim, preponderantemente, do conhecimento, da tecnologia, dos saberes atribuídos àquelas máquinas e que foi tirado de maneira abrupta dos trabalhadores. E é neste intuito que a Educação Integral de cunho marxista estabelece sua contribuição no que diz respeito à alienação dos trabalhadores com seu produto final.

Assim, estaremos superando a contradição entre o homem e a sociedade e entre o homem e o trabalho, apresentado por Saviani e trabalhado por mim no Capítulo 2, acabando com a escola dual e implementando uma Escola Integral, Unitária que tenha como ideologia pedagógica a Omnilateralidade além de, no cerne de sua prática pedagógica, introduzir a tarefa de não separar o ensino do trabalho, mas pelo contrário, evidenciar sua base pedagógica - o trabalho como princípio educativo.

A atitude de teorizar sobre a prática, nesta ótica de educação, é um movimento permanente. É quando se produz uma mutação súbita, um salto quantitativo e, sobretudo qualitativo no processo de aquisição do conhecimento. Desta forma, com o aprofundamento das questões, já não há a leitura superficial da realidade concreta. Não há informações alienadas. Agora, a leitura é feita de forma integral, completa, a ponto de evidenciar as contradições internas do mundo objetivo, dominando, o homem, com isso, o desenvolvimento desse mundo na sua integralidade.

Esta contribuição da Educação Integral à desalienação do homem em relação ao modo como ele produz suas necessidades materiais diz respeito, também, a desalienação política. Sim, esta última desalienação entende-se como a consciência adquirida pelo trabalhador de sua responsabilidade e de sua capacidade participativa nos ditames de sua sociedade.

## **CONTRIBUIÇÃO 2**

Trabalho, enquanto uma manifestação de si, por meio de uma atividade desempenhada dentro desta sociedade classista da qual vimos tratando, para os marxistas nada mais é de que uma forma de alienação do trabalhador impedindo assim seu desenvolvimento total. Se por um lado a Educação Integral preconiza a libertação deste trabalhador por meio da tomada do conhecimento imbutido nos meios de produção capitalista, por outro, presta o esclarecimento que esta tomada não pode vir dissociada de uma consciência de classe deste trabalhador.

No capitalismo, classe é uma realidade histórica e vivenciada cotidianamente: “a história de todas as sociedades que já existiram é a história da luta de classes”( MARX e ENGELS, 2000, p. 9). Portanto, a ausência de uma consciência de classe não implica a ausência de classe e de seus embates. A realidade do modo de produção da sociedade vivenciada é o que afeta diretamente a vida das pessoas.

Um texto estudado para fundamentar esta reflexão foi a *Ideologia Alemã* de Karl Marx e Friederich Engels. Neste textos, os autores argumentam que “os indivíduos

isoladamente só formam uma classe na medida em que tem de apreender uma luta em comum contra outra classe” (MARX & ENGELS 2005) e prosseguem:

(...) no restante, eles se defrontam como inimigos de concorrência. Por outro lado a classe torna autônoma em relação aos indivíduos, de maneira que estes últimos têm suas condições de vida pré determinadas e têm, assim, sua posição na vida e seu desenvolvimento pessoal definidos pela sua classe; tornam-se subordinados a ela. É o mesmo fenômeno da subordinação dos indivíduos isolados à divisão do trabalho, e tal fenômeno não pode ser suprimido se não se elimina a propriedade privada e o próprio trabalho. (MARX E ENGELS 2005, p. 88)

Das variadas contribuições que uma Educação Integral proporciona na construção de uma Nova Democracia que sirva ao povo, uma das mais impactantes é a que faz despertar os primeiros albos da uma consciência de classe sobre aqueles que vendem sua força de trabalho, assim como a relevante importância histórica de criar condições objetivas para tornar real a sua libertação. Encontramos, desta forma, a necessidade da tomada de uma consciência de classe por partes dos trabalhadores para se atingir as condições reais para a Revolução socialista. Esta é o cerne desta contribuição: despertar para a consciência socialista.

Um texto que introduziu a discussão sobre a consciência de classe nesta monografia foi os escritos de Hobsbawm, *Mundos do trabalho*. O autor, no capítulo dois dessa obra, afirma refletir sobre o papel da consciência de classe na história. Um debate que o autor levanta é a de que:

(...)Marx introduz um elemento subjetivo no conceito de classe – a saber, consciência de classe. (...) a classe e o problema da consciência de classe são inseparáveis. Uma classe em sua acepção plena só vem a existir no momento histórico em que as classes começam a adquirir consciência de si próprias como tal. (HOBBSAWM 2005, p.34)

Sustento, mediante este pressuposto, que idéias, sensações, atitudes, costumes, sentimentos, valores e etc. que os homens em um estágio de compreensão da realidade concreta que os cercam teriam se eles pudessem compreender, de forma omnilateral, completa, integral, e aqui a contribuição da Educação Integral se faz mais clara e

evidente, essa realidade e os interesses dela derivados, tanto com respeito a ação imediata quanto com respeito ao anseio pela mudança dessa estrutura da sociedade que desfavoreça os interesses desta classe.

Sendo assim, a argumentação que a Educação Integral de cunho socialista se equivale à consciência de classe no momento histórico em que, dirigida aos trabalhadores de uma forma geral, trabalha em prol de uma massa revolucionária que se revolte, é válida no momento em que esta se presta à estimular procedimentos pelos quais se viabilizem essas propostas, aumentando a participação numa democracia verdadeiramente participativa com lutas e conquistas onde os homens não se vêem como consumidores, mas como produtores e participantes desta forma de viver.

É necessário, então, a mudança da consciência popular que passa a ver-se não mais como consumidora mas, sim, como agente e executora que desfruta de suas próprias decisões. Esta mudança de consciência encontra uma forte aliada nesta concepção dialética da educação de caráter omnilateral, Integral, onde este indivíduo visualiza-se como pertencente na parte de todo um processo e não apenas como parte dele.

Temos então, na tomada de consciência como primeiro ato revolucionário, a importância do pensamento como fonte imprescindível para a mudança de hábitos, valores, costumes e atitudes e, também, da passagem da consciência comum das coisas para uma consciência crítica, emancipadora.

### **CONTRIBUIÇÃO 3**

A visão objetivista do tempo traz, ao longo da historiografia humana, um estreito movimento de aproximação do domínio do homem sobre a natureza. Em nosso desenvolvimento, aprendemos a encurtar esse tempo social, assim como aprendemos a explorar o tempo do homem para tirar proveito de sua força de trabalho. Certo é que vivemos em “tempos” de profundas transformações, seja em sua base produtiva, social ou cultural.

Em sua pesquisa, Marx se propôs a esclarecer as leis que regem o nascimento, a existência, o desenvolvimento e a substituição do capitalismo por outra forma social de mais alto nível. O socialismo é o nome dessa nova forma social de mais alto nível, que se encontra

em constante embate no interior do próprio capitalismo com base nas contradições que lhe são próprias. Para Marx, essa nova forma de sociedade só se constituirá após o esgotamento pleno de todas as possibilidades contidas no próprio capitalismo.

Contudo, devemos atentar para a situação revolucionária que o esgotamento do capitalismo proporcionará aos trabalhadores. Esta busca desenfreada por lucros e mais lucros subjagam explorando e oprimindo os povos pobres. Um ponto de resistência que podemos apresentar é o processo Revolucionário para a mudança deste processo.

Por isso, uma das contribuições da Educação Integral à formação de uma estruturação socialista de estado é o de reunir as condições socio-econômicas e político-cultural para a sublevação contra toda a ordem instituída pelo capital por meio da desalienação do trabalhador e de sua tomada de consciência.

Fica clara a necessidade de mostrar que a concepção dialética da educação não é a “fórmula milagrosa” que levará os trabalhadores para a revolução proletária. Relembrando Gadotti, a Educação não precede a Revolução, quanto muito caminha ao seu lado. E, o que venho mostrando neste trabalho é justamente isto, as contribuições de uma educação integral de cunho socialista na formação deste novo Estado.

Por isso, para a derrocada do capital, é necessário que haja uma integração da classe trabalhadora urbana com outros participantes deste novo processo democrático, isto é, com outras classes oprimidas<sup>7</sup> pelo grande capital. Esta frente ampla de oprimidos deve juntas, trabalhar em prol desta nova sociedade. Ou seja, caminhar juntos na luta pela conquista da liberdade conduzindo a uma abolição das classes e, conseqüentemente para a construção de uma nova sociedade. Nas palavras de Marx:

Os elementos materiais para a subversão total são, por um lado, as forças produtivas existentes e, por outro, a **formação** de uma massa revolucionária que se revolte não só contra as condições particulares da sociedade atual, mas também contra a própria “produção da vida” vigente, contra a “atividade total” sobre a qual se fundamenta. (MARX E ENGELS Ano p.66)

Torna-se aqui evidente a importância que atribuo a educação no que diz respeito ao processo revolucionário marxista, onde a formação de indivíduos capazes de superar

---

<sup>7</sup> Não haverá apenas operários de fábricas, autônomos, estudantes, camponeses, pequenos burgueses, intelectuais mas sim, o povo, indiscriminados, distintos dos ricos. Unidos por uma situação de classe explorada.

o paradigma atual de isolamento de pessoas, para a identificação de sua situação de classe por meio de uma consciência coletiva, participativa e acima de tudo revolucionária. Com isso, a concepção dialética da educação se cobre de uma importância histórica no momento em que por meio da pedagogia dialética marxiana promove uma estruturação, uma sistematização do ensino voltado para a formação do perfil deste “agente social” que se revolte contra a produção da vida vigente.

Devemos, no entanto, ressaltar a importância acerca desta questão, uma vez que o primeiro ato revolucionário de um indivíduo é a tomada de consciência da situação que lhe cerca e, assim, a partir desta inconformidade, se lançar para atitudes revolucionárias reais.

### **3.1 Dimensões da Concepção Dialética da Educação Integral**

Com tudo isso, visto as contribuições da educação integral na construção de uma nova Democracia que sirva ao povo e, observando a realidade concreta da sociedade atual, vimos que as transformações sociais, os avanços tecnológicos e a dinamização da economia em caráter global exigindo cada vez mais a acentuação da eficácia, ajudaram no entendimento da educação como um processo total. Surge então, a necessidade de difusão e da introspecção de conhecimentos, habilidades, hábitos e metodologias ligados às práticas educativas que valorizem esta premissa.

Sendo a concepção dialética da Educação Integral cientificista, em que tudo é experimentado, ela, por ter seu caráter total, aponta para três dimensões pedagógicas em sua essência. A primeira dimensão é a da experimentação, a segunda é a da produção material e a terceira é a dimensão democrática da Educação Integral.

A primeira dimensão pedagógica propõe o despertar de uma nova atitude do homem, enveredando para a necessidade de se relacionar, não apenas de forma ideal mas sim, concretamente, com o mundo em que vive, o homem encontrará, em sua natureza, uma força insaciante de reivindicação das certezas de seus pensamentos.

E, esses anseios devem ser correspondidos, a partir da proposta pedagógica da experimentação. É no contato direto com uma dada situação proposta que o homem terá as confirmações de suas necessidades e as comprovações de suas expectativas. Se não,

de que adianta inferir sobre determinado objeto, se não o podemos comprovar? De que adianta ao homem, se não o pode experimentar? O método científico proporciona ao homem certa garantia e responsabilidade em suas aferições.

A Ciência é a incessante busca pela verdade. É a busca de se conhecer a realidade concreta no qual os homens se inserem. Fazer ciência é compreender o movimento e as variadas transformações das matérias. Por isso que desde sempre a ciência tem na sua essência sua condição, prioritariamente, revolucionária. O movimento dialético da ciência é experimentar para avançar e transformar. Transformar é revolucionar.

A segunda dimensão pedagógica que, ao meu ver, é uma das propostas da Educação Integral, é a dimensão voltada para a produção material da nossa vida social. O objetivo é o de desenvolver as potencialidades humanas de forma, como dito antes, integral, completa, total. Para isso, a escola não deve simplesmente formar para o mercado e trabalho. A escola que tem, como concepção, a orientação dialética, deverá unir o trabalho com a educação.

A terceira dimensão é a que nos leva à Nova Democracia. O respeito pela personalidade o homem do povo deve vir junto da cooperação entre as pessoas. Esta é uma exigência dessa nova formação humana para esta Nova Democracia. A escola tem uma nova finalidade e deve preparar cada homem para ser um indivíduo que pense e que se dirija por si, em uma ordem social, intelectual complexa e dialeticamente mutável. Cabe a dimensão democrática da Educação Integral despertar a consciência de sua participação na emancipação econômica e política, a fim de preparar o novo homem, independente e responsável.

Depois desta rápida sistematização, vemos que a escola integral deve estar atenta às mudanças sociais, deve trabalhar os valores como ética, solidariedade. Deve proporcionar aos seus alunos a oportunidade de vivenciar experiências para apreender os conceitos. E uma escola que tem esses compromissos, que vão além dos conteúdos pedagógicos, deverá primar pela qualidade, em detrimento da quantidade.

A idéia é a de que a Educação Integral cumpra sua função político-pedagógica ao facilitar aos indivíduos o acesso ao saberes e formas culturais do grupo social a que pertencem; ou seja, quando promove a realização de aprendizagens específicas ao



mesmo tempo em que ocorre a conscientização do uso desses saberes e, a conscientização do modo de se relacionar com eles, para o bem de uma coletividade.

## VI – CONSIDERAÇÕES

*Da plebe doem os membros  
No chicote do poder,  
E o momento é malfadado  
Quando o povo ensangüentado  
Diz: já não posso sofrer  
(Castro Alves)*

Frente a todos os argumentos que utilizei neste trabalho, percebo que a democracia burguesa precisa ser superada. E, para reafirmar, digo que esta superação se dá na forma da destruição da antiga ordem social em um processo dialético e junto com a construção de uma Nova Democracia. É neste papel, o de agregar, que a Educação Integral de cunho marxista entra. Diferentemente da função excludente do ensino burguês, a Escola socialista, unitária, integral tem como função social ensinar e preparar os indivíduos para exercerem sua cidadania e o trabalho no contexto de uma sociedade complexa, enquanto se realizam como pessoas.

O capitalismo não é contra a educação. O capitalismo não prega o fim da instituição escolar. O capitalismo não trabalha em prol do fim do desenvolvimento da Pedagogia. Ao contrário, o sistema sócio-econômico e político-cultural da sociedade capitalista necessita das contribuições de uma educação voltada para a inculcação de valores, saberes e costumes burgueses, de uma escola onde haja a separação dos que irão continuar seus trabalhos intelectuais e dos que irão sobreviver, vendendo sua força de trabalho, o sistema capitalista necessita de uma pedagogia que naturalize as ações e pensamentos burgueses como boas e desejáveis.

Em suma, as contribuições da educação, da escola e da pedagogia burguesa estão voltadas para a produção e reprodução de toda a estrutura do capital. A consequência disto é que os “homens, até hoje, sempre tiveram falsas noções sobre si mesmos, sobre o que são ou deveriam ser (...)” (MARX E ENGELS).

Ao contrário disto, a Concepção Dialética da Educação tem, entre suas características, a função de promover a emancipação dos dogmas, preceitos e do

conjunto de idéias promovido para fundamentar a tese capitalista da exploração do homem pelo homem. A proposta de Educação Integral de orientação dialética propõe, em linhas gerais, que eduquemos a humanidade para refletir criticamente sobre a realidade concreta que as cercam de forma completa, total, integral. Educar para entender o movimento epistemológico da sociedade para enfim, transformá-la. É educar para revolucionar.

Vale lembrar que, tendo isto como uma premissa, o trabalhador, o homem do povo, terá uma formação cultural ampla, completa e integral somente quando cair por terra a divisão social do trabalho e, conseqüentemente, a influência do capital por meio de uma Revolução socialista, estabelecendo, assim, uma Nova Democracia que verdadeiramente sirva ao povo. A Educação Integral, por si só não é a “salvadora da pátria”. O que pretendi mostrar nesta monografia foi, reafirmo, justamente, as possíveis contribuições desta educação no movimento dialético da derrocada da estrutura burguesa e da construção da perspectiva socialista.

Isto é, a idéia de que a educação nos levará a Revolução socialista também é falsa. Defender isto é aproveitar situações políticas pequeno-burguesas para levantar bandeiras oportunistas, usando a educação como instrumento de barganha. O oportunismo é um instrumento, um mecanismo estratégico para penetrar a ideologia burguesa no meio do povo. Tem como característica a dissimulação e o aproveitamento da ingenuidade do homem simples. Combater o oportunismo pra liberar a rebeldia revolucionária das massas é uma das premissas que uma Educação Integral de concepção dialética deve enveredar.

Por isso, desmistificar a imagem salvacionista da educação é preciso. Para tal missão, essa Pedagogia terá o objetivo de combater a idéia da Educação Integral como sacerdócio santo<sup>8</sup> e denunciar a idéia burguesa da neutralidade de um pensamento educacional. Indicar a urgência do pensamento de uma Pedagogia que seja do povo, com o povo e, para o povo, é não apenas reafirmar uma mera e simples pedagogia que irá transmitir saberes e valores de uma classe mas sim, uma pedagogia que vá nutrir as necessidades reais do homem do povo.

---

<sup>8</sup> É a questão da missão que o educador deve ter. Um dom recebido por entidades superiores pára praticar o bem educando as pessoas. Esse tipo de discurso despolitiza toda a contribuição sobre a importância emancipatória que a educação pode oferecer.

Uma pedagogia que sistematize uma educação que não cerceie o homem de suas reais potencialidades que, ao contrário, estimule o desenvolvimento pleno, integral das potencialidades humanas e o faça levar em conta durante o processo de produção material da nossa vida social não é apenas o gélido contato com a produção em si, sombria e deslocada pelo prisma da alienação dado pelo sistema capitalista. Mas sim, sua interação com o meio concreto em que este trabalhador está envolvido destacando a importância de sua participação social da administração na vida pública de seus destinos, em coletividade.

É assim que, ao meu ver, a Educação Integral pode ser capaz de contribuir para a superação do abismo social presente em nossa sociedade, no momento em que se faz parte de um projeto de libertador do indivíduo, de uma sociedade e, conseqüentemente, de um projeto libertador de um povo.

Esta é sim, sem dúvida nenhuma, a educação corajosa na qual Paulo Freire falava. A Educação que valoriza o ser humano ao mesmo tempo em que o arma para enfrentar a vida, instigando-o a uma busca do auto conhecimento para exercer seu bem mais precioso, desprendido de quaisquer grilhões, o livre arbítrio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALVES, Castro. *Obra completa*. Org. e notas Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia*. 6º ed. São Paulo: Cortês, 1993.

CAMINI, Lúcia (coord) e outros. *Educação Pública de qualidade social: Conquistas e desafios*. Petrópolis, Rj. Vozes, 2001

FREIRE. Paulo. *Educação como prática de Liberdade*. SP: Instituto Paulo Freire, 1971.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: *Paz e Terra*, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: *Paz e Terra*, 1996.

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: *Paz e Terra*, 1979.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da Educação: Um estudo introdutório*. 14 ed. São Paulo, Sp: Cortez, 2003.

HOBESBAWM, E. F. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LÊNIN, V. I. *O Estado e a Revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LÊNIN. V.I.L. *Que Fazer?* Editora hucitec. São Paulo, 1978.

LEHER, Roberto. A ideologia da globalização na política de formação profissional brasileira. Trabalho & Educação, n.4, ago/dez, 1998.

LEUDEMANN, Cecília da Silveira. Anton Makarenko vida e obra – A pedagogia da Revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

LIMOEIRO, Cardoso M. Ideologia da globalização e (des)caminhos da ciência social. In: Gentili, P. (org). Globalização excludente. Petrópolis: Vozes/Buenos Aires CLACSO, 1999.

LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Demerval (orgs). Marxismo e Educação: Debates Contemporâneos. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2005.

MANACORDA, Mario A. Marx e a Pedagogia moderna. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl & ENGELS, Frederich. A Ideologia Alemã. Editora Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. Manifesto Comunista. Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. Textos sobre Educação e ensino 4 ed São Paulo. Centauro, 2004.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos – filosóficos e outros textos escolhidos. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MARX, Karl. Crítica ao Programa de Gotha. Rio de Janeiro, Rj. Livraria Ciência e Paz, 1984.

NETO, José Francisco de Melo. O que é Popular? ANPED: GT – Educação Popular – nº 06, 2004.

PONCE, Aníbal. Educação e lutas de classes. São Paulo, Cortez:Autores Associados, 1989.

REIS, José Carlos. Tempo, história e evasão. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ROSDOLSKY, Roman. Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx. EDUARJ. Contraponto, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI. No loop da montanha russa. SP: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Tomás Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.). *Currículo, cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

UNIRIO. Normas para a elaboração de monografias. PROEG, 2000.

### **SÍTIOS**

[www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)

[www.marxistis.org.br](http://www.marxistis.org.br)